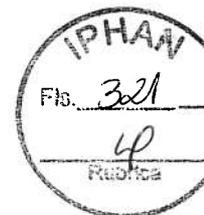


PROCESSO No. 01450.008635/2010-08

ASSUNTO: Registro da Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha/CE



PARECER

1. RELATÓRIO

O pedido de registro, encaminhado à Presidência do Iphan, está datado de 22/04/2010. É solicitante o Secretário de Cultura e Turismo da Prefeitura Municipal de Barbalha / CE, com o endosso do Prefeito Municipal, do Presidente da Câmara Municipal, do Instituto Cultural do Vale Caririense, do Centro Pró-Memória de Barbalha, da União das Associações de Barbalha. Anteriormente, houvera um pedido do IAB/CE, datado de 2002, que incluía a festa de Santo Antônio em meio a outros vários bens culturais.

Os mais remotos contatos do Iphan com o patrimônio cultural de Barbalha datam de 1941, mas não diziam respeito à Festa de Santo Antônio – embora daí tenha resultado a mais antiga fotografia que apresenta a Igreja Matriz com o pau da bandeira fincado à sua frente. Em 2001 iniciou-se o projeto Cariri, em parceria do Iphan/CE com a fundação de Desenvolvimento Tecnológico do Cariri (FUNDETEC) e da Universidade Regional do Cariri (URCA), do que resultou o inventário sobre a Festa do Pau da Bandeira de Santo Antonio (2007-2011), com pesquisa arquivística, bibliográfica e de campo coordenada pela Profa. Dra. Renata Marinho Paz. Foram realizadas audiências públicas, contatos com instituições e autoridades políticas e religiosas, levantamentos bibliográficos, cartográficos, audiovisuais etc.

Os suportes essenciais da instrução são constituídos pelo Dossiê de Registro da Festa, de autoria de Ítala Byanca Moraes Silva e Igor de Menezes Soares (técnicos do Iphan/CE), pelo Inventário Nacional de Referências Culturais da Festa de Santo Antônio de Barbalha/CE (resultado da parceria com a URCA), pela Nota Técnica 033/2013 (elaborada por Cláudia Marina Vasques) e pelo Parecer do Antropólogo Pedro Clero, da Coordenação de Identificação e Registro (06/08/2015)

Todas são peças de grande competência e excelente nível, contando com solidez teórico-metodológica, domínio das fontes e da bibliografia, rigor de



interpretação e exposição. O quadro de informações de que me servi foi basicamente o fornecido por tais documentos, além de um exame não sistemático de entrevistas realizadas entre 2004-2006.

Da instrução consta ainda o Parecer do Procurador Federal Dr Heliomar Alencar de Oliveira, reconhecendo o atendimento de todos os requisitos legais, estando assim o pedido em condições de ser submetido à deliberação do Conselho Consultivo, já tendo sido publicado no DOU de 17/08/15 o Aviso de registro em curso – sem que se tenha recebido manifestação de qualquer natureza.

A vasta documentação anexada (listada de fls.295 a 296) inclui dois vídeos documentários e documentação eletrônica diversificada (dossiê descritivo da festa, fichas do INRC, plantas, mapas, croquis, questionários, depoimentos, fotografias).

Enfim, cumpre registrar a existência de uma publicação que não fazia parte do material que me foi enviado (e de que tive conhecimento, assim, no dia da apresentação do relatório), mas que constitui precioso repositório de informação e análise da mais alta qualidade: trata-se da coletânea organizada por Igor de Menezes Soares e Ítala Byanca Morais da Silva, *Sentidos de devoção: Festa e Carregamento em Barbalha*. Fortaleza, IPHAN-CE, 2013. Esta obra me foi de valia para refinar alguns dados empíricos levados em conta na revisão do texto deste relatório.

2. ANÁLISE DO PEDIDO

Barbalha e o culto a Santo Antônio

O Dossiê Descritivo fornece breve histórico de Barbalha, município a 553 km da capital Fortaleza, hoje um dos polos mais importantes da região do Cariri, aos pés da Chapada do Araripe, em área de água abundante. Os primórdios se dão em torno de 1735, desenvolvendo-se a pecuária e a produção de rapadura e aguardente, destinada sobretudo ao mercado interno. No entanto, hoje a economia agrária não é o forte do município, que, com o interesse despertado pela Festa de Santo Antônio, passou a valorizar o turismo – e a multiplicar várias vezes durante os festejos sua população de quase 60.000 habitantes.

A devoção a Santo Antônio é contemporânea dos primeiros tempos da fundação do povoado: em 1778 o Capitão Francisco Magalhães Barreto e Sá pede licença para construção de uma capela dedicada ao santo, orago da futura cidade.



Santo Antônio, nascido em Lisboa é dos santos mais venerados em Portugal. Seu prestígio, aliás se estende até a Itália, onde morou (Pádua) e lhe valeu a canonização apenas um ano após a morte. Sua preeminência no Brasil, principalmente no Nordeste, é herdada de Portugal. Levantamentos feitos por Ronaldo Vainfas (Dossiê, p. 9), que o considera "o mais brasileiro de todos os santos", identificou 11 nomes de cidades antoninas, apenas no Nordeste!

Se a devoção ao Santo, em Barbalha, e suas manifestações festivas remontam ao século XVIII e, em especial ao XIX (entre 1860 e 1870 o famoso missionário Pe. Ibiapina incentivava o hasteamento da bandeira dos padroeiros) a festa atual começou a tomar forma em 1928, quando o Padre José Correia de Lima incorporou aos festejos oficiais da Igreja o cortejo do Pau da Bandeira.

A festa de Santo Antônio se celebra no aniversário de sua morte (em 1231): 13 de junho. Treze dias antes (Trezena), começam os atos efetivos para o hasteamento de sua bandeira. Os preparativos logísticos, as convocações, estimativas de orçamento, planejamentos diversos e respectivas medidas administrativas e operacionais começam bem antes.

O historiador Océlio Teixeira de Souza (Dossiê, pp.14-15) distingue três formações na trajetória da Festa:

- i) de 1928 à década de 1940, predomina o aspecto religioso, devendo ser apontada a atuação do pároco José Coreia de Lima, que introduziu, como já se disse, o ritual do corte, carregamento e hasteamento da bandeira de Santo Antônio, além de outros rituais religiosos.
- ii) da década de 1940 até os primeiros anos da década de 1970 é que se teria uma verdadeira festa, com participação popular se sobrepondo aos compromissos religiosos. Ter-se-ia iniciado, então, um processo de "carnavalização".
- iii. a terceira fase corresponde à configuração atual da Festa, cujo elenco constitui "um verdadeiro catálogo das formas de expressão tradicionais do Cariri cearense", como reconhece o Dossiê Descritivo (p.91). O INRC identificou, entre as celebrações, a Benção da Bandeira, as Incelências, os desfiles dos Penitentes, a Procissão, a Trezena (com visitas das imagens do santo a casas dos "noitários", empresas, instituições, marcos urbanos; leilões, quermesses). Entre as formas de expressão se contam: as Bandas Cabaçais, Capoeira, Dança do Maneiro Pau, Dança do Milho, Dança do Pau de Fitas, Lapinhas, Quadrilhas, Reisado de Congo, Reisado de Couro. A esse rol se acrescentam shows de artistas profissionais no Parque da Cidade, ofertas de comidas regionais, venda de artesanato e outras atrações – incentivadas na gestão do Prefeito Fabriano Livônio Sampaio (1973), que abriu caminho para as manifestações folclóricas (nas quais, é bom lembrar, há presença de



elementos indígenas e africanos), o turismo, o interesse dominante da mídia, a participação mais acentuada do poder municipal.

O ponto inicial de referência da festa é o chamado Carregamento. O corte, na mata, do tronco que será fincado diante da Matriz, seu transporte para a cidade (carregamento propriamente dito, cortejo) e o hasteamento da bandeira são atos natureza performática em que se deixa entrever, principalmente no primeiro passo, seu caráter codificado. Daí uma certa fixação de tempos, lugares, ações, funções, participantes (atores, espectadores, figurantes), objetos (utensílios, dispositivos vários). Quanto aos protagonistas do corte, carregamento e hasteamento da bandeira, é bom não esquecer que o ritual tem muitíssimo a ver com a economia de prestígio e legitimação e pressupõe forte conteúdo competitivo.

Tais protagonistas são recrutados segundo normas pré-estabelecidas (na origem eram marchantes, que partiam do mercado onde trabalhavam; ainda hoje a maioria costuma ser pessoas de poucas posses, embora haja testemunho da presença de participantes mais abonados, como advogados, engenheiros, funcionários públicos estaduais e federais. Os papéis são claramente demarcados: capitão do pau, animador do pau, cortador, carregador. A escolha da árvore (num de dois sítios prescritos), o desgalhamento e descascamento, a deposição na "cama do pau", onde aguardará por quinze dias a eliminação da seiva (que tornará mais leve para carregar nos ombros o tronco de algo entre 20 e 22m de altura e de 2 a 2,5 t de peso), o abate de galhos menores e a fabricação de dispositivos necessários aos procedimentos, tudo isso se realiza segundo modelo fixo, não só para atender a requisitos funcionais, quanto, sobretudo, para preservar a forma como guardiã da "tradição", mesmo quando os significados se esmaecem e se tornam inconscientes. A repetição dos gestos codificados é garantia da transmissão dos sentidos e motivações, ainda que ocultos ou esquecidos. Destarte, o corpo, os hábitos corporais é que se tornam o principal vetor da tradição.

Os elementos morfológicos desse rito, permitiram que o Dossiê registrasse seu caráter de culto agrário e de celebração da masculinidade e da força física. Os cultos dendríticos (que se referem a árvores), são, com efeito, uma categoria conhecida de ritos de fertilidade agrária e humana. Todavia, aqui me parece que, no passar do tempo, e sem eliminar a fertilidade da terra (são raríssimos os participantes entrevistados que falam de agradecimento ao santo pelas colheitas), deu-se maior relevância à fertilidade humana.

Seja como for, o mastro da bandeira de Santo Antônio na Barbalha tem precedentes europeus como o mastro de Cocanha, o pau de sebo, a árvore de maio, assim como paralelos indígenas, tais a festa do Ouricuri e da árvore da vida e mitos da árvore que liga a terra aos céus.

O caráter sacrificial do corte e carregamento do tronco foi reconhecido na pesquisa. Contudo, parece-me oportuno salientar que uma marca muito forte na dor e no esforço para superar as dificuldades como formas de penitência ~~seu~~

devoção pode ser um tanto impróprio. O carregamento é, de fato, um sacrifício – mas sobretudo no sentido técnico de ato consagratório (*sacer facere*: tornar sagrado, transferir de uma esfera cotidiana para uma transcendente). O sacrifício não pressupõe forçosamente a dor como condição. Por certo, aqui, o carregamento requer superação da dor, dos muitos percalços, dos riscos, do cansaço até a exaustão. E, sem dúvida, a devoção ao santo pode funcionar como alívio e incentivo para ir até o fim. No entanto, quero crer que a motivação mais profunda está no caráter competitivo do rito (comum nas tradições arcaicas) e na demonstração de força física, habilidade, experiência, competência – numa palavra, virilidade. Entretanto, vale a pena apontar que, neste contexto, a virilidade está associada à virtude: a virilidade a serviço da devoção, ou vice-versa. Tudo isso submetido ao julgamento social dos companheiros e da multidão variada de circunstantes.

Permito-me fazer apelo (dentro de meu domínio de competência, que é a Antiguidade clássica) a uma narrativa de Heródoto, referida ao séc. VI a.C., que esclarece magnificamente bem esta situação – sem que, com isso, eu esteja propondo uma antropologia comparativa *ad hoc*, mas apenas alertando para as dimensões corporais dos ritos. Cléobis e Biton eram gêmeos cuja mãe, sacerdotisa de Hera em Argos, precisava comparecer com urgência ao santuário, mas os bois que puxariam seu carro não tinham voltado do campo. Seus filhos tomaram o lugar dos animais e percorreram com sucesso ca. de 20 km. O fato provocou a admiração dos fiéis, não só pela devoção filial e respeito à deusa, mas também pela proeza física e o vigor corporal dos gêmeos. Orgulhosa pelo prestígio social que merecera, a mãe solicitou a Hera uma recompensa para os filhos. Em resposta, a deusa (precisamente associada à fertilidade) mergulhou os jovens num sono profundo, de que não mais voltaram: a morte, à qual vicariamente se seguiu a consagração de duas estátuas no santuário de Delfos, foi considerada o melhor recurso para preservar, na fixidez da pedra, a juventude e força física dos heróis, livrando-os da inevitável degeneração que o tempo haveria de trazer. É uma forma de reconhecer o potencial de virtude na força muscular. Não por acaso, são da mesma família palavras como virtude e virilidade.

Componente fundamental do corte e do cortejo são as brincadeiras de duplo sentido e a ingestão de cachaça – que não me parece devam ser consideradas intrusões profanas num contexto religioso, mas componente legítimo dele.

O duplo sentido torna explícita a vinculação do tronco ao órgão masculino, portanto chave semântica do ritual. Por analogia de forma e consistência circunstancial, a palavra portuguesa "pau", que designa também tronco de árvore, na linguagem chula refere-se ao membro viril. Os seguintes versos de Pavão, um poeta "animador do pau" nas décadas de 1970 e 80, são boa amostra do teor das brincadeiras e de sua relação com a esfera da procriação e da potência fálica: "Esse pau é doloroso / Esse pau é bom / Esse pau é gostoso / É um pau que todo mundo gosta, o pau de Toím" (Dossiê, p.10).

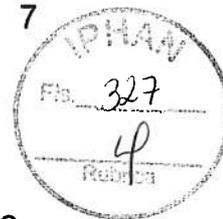
As brincadeiras de duplo sentido e a cachaça não são marcas profanas estranhas a um contexto religioso, pois se trata de uma das expressões materiais da força generativa. A potência vital, por sua vez, é uma das referências do universo religioso. Humor e religiosidade não se excluem. Embora haja poucos estudos a respeito, são conhecidas as paródias dentro dos próprios ritos, a presença dos chamados "ritual clowns" (comuns em festas antigas do nascimento ou morte dos santos), de comportamentos ultrajantes (para afugentar os maus espíritos), de expressões críticas e assim por diante. De sua parte, o humor verbal, a galhofa, pelo que implicam de habilidades, realçam igualmente o caráter de competição (uma das marca do carregamento, como se viu), mas também favorece a solidariedade.

Santo Antônio não está excluído deste universo. Afinal, ele é dos santos que mais intimidade estabeleceram com os devotos, a ponto de aceitar pacientemente impropérios, blasfêmias e maus tratos. Além disso, sua história revela traços de coragem e virilidade, na defesa da fé ("martelo dos hereges"), nas agruras pelas quais passou nos confrontos com os muçulmanos, nas suas funções militares (póstumas), como soldado raso e até capitão – com soldo -- e, *last but not least*, como santo casamenteiro.

Por sua vez, a bebida e a embriaguez sempre tiveram papel importante na indução de estados de consciência alterada, capazes de fazer experimentar o transcendente. Sem minimizar sua serventia como recompensa ou combustível para a prova de força (animação para suportar o esforço, como ocorria com os escravos no eito) ela agrega aqui outras dimensões de significado. Enfim, o nome formal dado à bebida como sendo a "cachaça do Sr. Vigário" confirma ironicamente a ambiguidade com que, nesta como nas festas em geral, se transita entre o sagrado e o profano, o sério e o lúdico.

A seguir, entra o cortejo, o carregamento propriamente dito. Na Grécia antiga – para voltar a um repertório cômodo de referências --, os cultos dendríticos tinham em Dioniso sua referência paradigmática (deus antes da vinha do que do vinho, isto é, deus da fecundidade). Mas, além das danças em torno de um tronco adornado (com folhas e máscaras) e da ingestão de bebida, havia o cortejo (*thiasos*), pois se tratava de um deus missionário, que, com seus acólitos, percorria os espaços para angariar adeptos, também nos espaços urbanos.

Em Barbalha, precedido por orações (Padre Nosso e Ave Maria, eventualmente com a presença do pároco e outras figuras de proa), o cortejo que, por 6 a 10 km levava o tronco do local do corte à cidade, é acompanhado, ao longo de todo o percurso até seu ponto final, por uma aglomeração de pessoas que bebem, dançam sensualmente, saúdam a chegada do Pau da Bandeira do Santo. Celebração dionisíaca? Sem dúvida pela comunhão etílica, pelo afrouxamento de regras, pelas significações sexuais ocultas no tronco que se transporta até a Praça da Matriz e do qual as moças solteiras retiram lascas (para o chá) ou contra o qual muitas vezes são empurradas ou se deixam empurrar.



Inspirada pela "cachaça, pela farofa, pelo grito do povo, do cantado, do chamado" (segundo o depoimento de um entrevistado não identificado), desenvolve-se o "mela-mela": mais que confusão, é uma fusão primeva de corpos (masculinos) que se tocam e empurram, mergulham no barro vermelho, "laminha gostosa", como batismo ou se enterram numa "papa de areia".

Mais que de inversão bakhtiana (o mundo de ponta-cabeça, com as posições sociais trocadas), julgo preferível considerar o que se passa como um tipo de inclusão tensionada – não tão provisória – pelo protagonismo dos segmentos populares, seja pelo prestígio que se prolonga após a festa, seja por que *mutatis mutandis*, as interações são, na maioria, razoavelmente simétricas. Além disso, o poder (político, eclesiástico ou econômico), apesar das oscilações de escala, não parece ter-se encontrado em situação reversa. Diferentemente do que ocorre em Barbalha, é o caráter efêmero que contribui, nas inversões, para reforçar a suposta legitimidade da norma e da ordem.

A seguir, tem-se o hasteamento da Bandeira, ritual dos mais antigos. O que chama a atenção é a desmobilização do caráter competitivo da força física, substituída pela solução tecnológica da construção *in loco* de uma engenhoca altamente eficaz e segura, para erguer e estabilizar o tronco. E a "compostura" da cerimônia explicitada como canonicamente religiosa.

Da constelação de eventos acima mencionada, cumpre dar atenção específica à Procissão de Santo Antônio, que marca no próprio dia 13 de junho o encerramento de todo o ciclo festivo. Após o percurso por ruas demarcadas da cidade, o cortejo, com o andor ricamente decorado de flores, com mais de uma centena de outros andores e suas imagens (de várias localidades) e integrado ordenadamente por múltiplas categorias de participantes, dirige-se à Matriz para a missa de encerramento. Para a Igreja, no testemunho do vigário Pe. Jovanês, trata-se do momento culminante, pois "tudo desemboca nela", na procissão. Ainda assim, ele insiste em dizer que a responsabilidade é de um grupo de leigos, desde a preparação, definição dos itinerários, decoração e construção do andor. E, muito embora insista em que não exerce função específica num evento de caráter manifestamente eclesial, reconhece que é sob orientação da Igreja que ele se realizaria. Essa ambiguidade parece ser pista para entrever um embate incruento, em que as cartas não são do domínio exclusivo ou preferencial, ou ainda permanente, de um dos jogadores.

Detalhe de muita importância também devido ao testemunho do Pe. Jovanês: no Cordão de Santo Antônio a participação é exclusiva das mulheres solteiras.

Eixo de singularização

A complexidade, heterogeneidade, interpenetração dos diversos componentes da festa de Barbalha não se deixam facilmente dominar. Creio, porém, que é possível distinguir ao menos duas referências básicas, que formariam um núcleo central irradiando nas diversas outras manifestações.



Tal núcleo seria formado precisamente por um contraponto entre o Carregamento do Pau da Bandeira e a Procissão de encerramento da festa.

As marcas que assinalam o caráter ritual do Carregamento (envolvendo principalmente o Corte, além do Cortejo – o carregamento propriamente dito -- e o Hasteamento da Bandeira) permitem entrever sua origem rural, masculina, valorizando a virilidade. Registre-se que a única participação feminina conhecida é de uma fiel que paga promessa de cura feita em seu nome por sua madrinha de batismo: confessa ela (de apelido Ester) que o faz não porque queira, mas por obrigação.

Tais marcas são de certa maneira sobrevivência de cultos pagãos, de algum modo cristianizados, mas cujo sentido se preservou na memória corporal, mais do que na memória cognitiva ou na consciência. Obviamente, não postulo continuidade histórica nem difusionismo cultural, nem tem cabimento, aqui, discutir hipóteses (arquetípicas ou tópicas) sobre tais sobrevivências.

Já as marcas do respectivo contraponto, a Procissão, seriam o caráter urbano, a presença feminina (mesmo que não extensiva, mas com espaço de exclusividade que lhe é reservado), e os valores do casamento e da procriação como preenchimento das expectativas sociais – confundidas com as pessoais. Menos espetaculosa que o Carregamento, a Procissão é mais explícita na sua natureza religiosa e mais composta, como convém às moças casadouras.

Nos dois casos, tão diversos, a fonte comum se encontra num espaço religioso de vários matizes, sob a égide de Santo Antônio. Num caso -- o masculino -- o substrato religioso, como que sobrevivendo de tempos arcanos, se manifesta essencialmente nas ações corporais, na modalidade de performance, cuja lógica dispensa a explicitação de fundamentos e consciência cognitiva. Noutra caso -- o feminino -- o rito manifesta abertamente seu caráter litúrgico e seu regramento eclesiástico. Mas de novo, ambos sob a égide de Santo Antônio, como virtual dispensador de respostas a necessidades específicas femininas, que se realizam na fecundidade do casamento: o potencial masculino se atualiza na expectativa feminina, legitimando, assim, de alguma forma, o gozo dionisiaco.

Há porém, outra coincidência: o tronco consagrado já não é mais tronco. Pela aparência é a materialização da potência vital do homem, agora na esfera do Santo: é por isso que se pode erguê-lo diante da Matriz e nele hastear a venerada Bandeira de Santo Antônio. Mas mesmo nessa nobre função de fazer tremular a bandeira, o mastro não é apenas mastro – como mostram fotografias de moças abraçando o tronco. Em paralelismo, na procissão de Santo Antônio, a estátua do Santo, que as jovens solteiras procuram tocar, não é mais uma representação, e sim o próprio santo. O mesmo vigário paroquial, Pe. Jovanês Vitoriano interpretou com felicidade o que ocorria ao dizer: "Nós não caminhamos somente com a imagem de gesso, nós caminhamos com a vida de Santo Antônio, nós caminhamos com sua proposta... É como se tivesse



realmente caminhando com uma pessoa, a pessoa tá ali". Não é o único depoimento nesse sentido.

Estamos diante do que os antropólogos chamam de "animação" de objetos e imagens. Caroline van Eck, por exemplo, num estudo histórico e etnográfico, descarta explicações da psicologia do desenvolvimento do século XX, já que tais respostas às imagens e objetos não são, para ela, aberrações isoladas, próprias de um estágio incipiente de desenvolvimento da humanidade, mas um componente fundamental daquela característica única dessa mesma humanidade: a capacidade de fabricar representações e dotá-las de vida e agentividade (potência de ação, capacidade de produzir efeitos). O Pau da Bandeira e as estátuas de gesso de Santo Antônio são, nesses termos, verdadeiros agentes sociais, porque efetivamente interagem com os devotos e seu mediador.

É possível, pois, que nesse contraponto do Carregamento e da Procissão se pense num núcleo básico da Festa, completado por uma periferia, como se fossem um planeta e satélites que lhe giram em torno, por ele atraídos. Pode-se falar em heterogeneidade, sim, e muita, mas não em dispersão informe.

3. MÉRITO

Atendendo ao que preveem o art.216 da Constituição Federal, o Decreto 3151/2000 e a Resolução 01/2006 algumas questões merecem exame qualitativo mais acurado.

A primeira delas é a questão da continuidade, à vista das mudanças significativas ocorridas desde 1928. Mais uma vez, valho-me de uma ilustração para sugerir rumo adequado no entendimento da autenticidade como sendo o que permanece na mudança: não é forçosamente a forma, é a identificação, são, por exemplo, as atribuições, que permitem analisar os "regimes de autenticidade" propostos por Lucie K.Morisset.

A ilustração vem do historiador inglês Michael Oakshott, que fala das meias de seda de Sir John, membro da *gentry*, a pequena nobreza rural da Inglaterra. Nessa condição, Sir John precisava cuidar de sua meia de seda. Como era o único par e se desgastava pelo uso contínuo, vinha sempre remendada – e com algodão, pelo custo menor. Os sucessivos remendos progressivamente substituíram toda a seda pelo algodão. Seria ainda a meia de seda de Sir John? Em caso negativo, quando deixou de ser? Aos 50%? 70 ou 75%? Sem sombra de dúvida, ainda é a meia de seda de Sir John, reciclada, pois o algodão herdara integralmente o papel da seda e da forma e de tudo que se pudesse atribuir à meia em questão.

Nessa perspectiva, as mudanças ocorridas representam, sim, menos pureza formal, mas a vida cultural, por ser vida em curso, é metabolismo, mantém-se em permanente processo de apropriação e reapropriação e recombinação de



componentes. Por isso ela é impura. A cultura não pode ser concebida como um domínio à parte da vida social, nobre e nobilitante e assepticamente blindado, mas antes como uma dimensão da vida social, em quaisquer de seus tempos, espaços e modalidades e caracterizada pelo potencial de qualificação diferencial desses múltiplos espaços, tempos e modalidades, práticas e representações.. O que a festa, como categoria, tem de *bricolage* não significa um vale tudo. As condições de continuidade que devemos identificar são aquelas das meias de seda de Sir John. Acredito que a Festa de Barbalha atenda a esse requisito. Além disso, aquilo que me parece o núcleo seminal da festa (a sequência do Pau da Bandeira e a Procissão de Santo Antônio) tem sua identidade unanimemente apontada por todos os segmentos em causa -- ainda que não reconheçam a relação de contraponto que sugeri. Por certo, houve ressemantizações e, mesmo, apagamento da cognição ou consciência de significados; em compensação, a reprodução teve a contribuição da corporalidade. Além disso, as maiores transformações trazidas pela midiática da festa, compromissos turísticos e econômicos em geral, conflitos internos e externos, falhas de gestão, etc.etc.se referem apenas aos satélites. Da mesma forma, as críticas se dirigem sobretudo aos eventos-satélite, cuja escala a cidade não estava apta a suportar.

Outra questão é o envolvimento da comunidade e as identidades. Com felicidade, o Dossiê Descritivo considera o ciclo festivo de Barbalha como aquele "fato social total", de que trata Marcel Mauss, e que se caracteriza pela força gravitacional capaz de colocar em interação toda a imensa variedade de molas e agentes que movem a sociedade. Do que se expôs, pode-se concluir ser o caso de Barbalha.

Nesse vasto campo de forças, mesmo sem desfazer desigualdades estruturais e hierarquias, o conjunto dos habitantes converge no reconhecimento de interesses e motivações comuns. É como nos espaços compartilhados que, na teoria de conjuntos, as intersecções permitem criar. Aceitar essa leitura não é pressupor uma identidade homogênea, ainda que do tipo nacional-popular, harmoniosamente equilibrada e inofensiva. A identidade não é uma essência congelada, mas sempre o resultado de um processo de interação: ela é situacional e a situação da festa de Barbalha dispõe de condições de construção ou reforço de identidades que não impliquem em exclusões num espaço compartilhado por múltiplas apropriações. De passagem, noto que a desconfiança com que durante muito tempo os cientistas sociais olharam para o fenômeno da festa desapareceu quando perceberam que, nela, integração e coesão não significam forçosamente superação dos conflitos e segmentações.

Assim, mais que inversão bakhtiana (o mundo de ponta-cabeça, com as posições sociais trocadas) julgo preferível considerar o que se passa como um tipo de inclusão tensionada -- e, segundo múltiplas referências, não tão provisória -- pelo protagonismo dos segmentos populares, seja pelo prestígio que se prolonga após a festa, seja porque *mutatis mutandis*, as interações são, na maioria, razoavelmente simétricas. Além disso, o poder (político, eclesiástico ou econômico), apesar das oscilações de escala, não parece ter-se



encontrado em situação reversa. Diferentemente do que ocorre na Barbalha, é o caráter efêmero que contribui para legitimar as hierarquias e a ordem de sempre.

De novo faço apelo a depoimento do Pe. Jovanês, que me pareceu um espírito simples e modesto, mas dotado de fina intuição. Sem hierarquizar, e no meio das respostas a perguntas nem sempre adequadamente formuladas, ao desfilar um rol de motivações para participar da festa, ele fornece argumentos para que os barbalhenses se sintam identificados com sua cidade:

- "estar presente junto com o povo, caminhada com o povo, estar presente mesmo as pessoas que não frequentam a missa".
- "religiosidade, devoção, promessas: pedir marido. Deus é o motivo maior da caminhada, sob o olhar de Santo Antonio, fraternidade, solidariedade".
- identidade: "marca bem a cidade. Cidade fica bonita. Participação popular: tornar bonita a procissão...caminhar, rezar. Algo prazeroso, aqui sabendo que a cidade é nossa, que é o lugar da morada de cada um, então, no imaginar do povo passa tudo isso...caminhar com o povo de Deus. ... Ali, função do povo: caminhar junto".
- "confraternização de famílias, interação".

Com outras palavras, um exame aleatório nas entrevistas com protagonistas de manifestações da Festa, diz o mesmo que o Pe. Jovanês. Falam de alegria, animação, diversão, boniteza, do prazer de estar junto, agir junto.

A festa não é uma farmácia social. É, antes, um laboratório em que formas de criar e viver – agir junto – podem ser testadas, incluindo todos os setores em interação e favorecendo processos de politização. Nesse sentido, penso, é que José Edvar Costa de Araújo (na coletânea *Sentidos da Devoção*) pôde falar da Festa de Barbalha como um "amplo e profundo movimento social", reforçado, eu acrescentaria, pela qualificação cultural. Nesse sentido, também, é que se justifica o potencial socioeducativo que ele reconhece na Festa do Pau da Bandeira.

Escala do bem

Já que está em causa a escala nacional do registro, é preciso dizer algo sobre o alcance do bem em questão.

A Festa de Barbalha tem comprovadamente extraordinário alcance local e regional (está tombada no âmbito estadual), penetrando, por capilaridade, em todos os quadrantes da vida urbana e seus espaços e tempos. Irradia-se, também, para muito além do Cariri e do Ceará, como mostra a presença crescente de turistas. Mas, teria relevância nacional? Creio que sim, e segundo dois critérios.



O primeiro, mais corrente, é o da ressonância (proposto por Greenblatt e, entre nós, privilegiado por José Reginaldo Gonçalves), a capacidade de ecoar. Justifica uma avaliação positiva a quantidade de material regular da imprensa regional e nacional, de TVs, rádios, blogs, cartazes que fazem da Festa de Barbalha um fenômeno midiático, durante sua preparação, decurso e permanências. Poderíamos acrescentar a bibliografia cada vez mais numerosa, a testemunhar o interesse pelo conhecimento histórico, sociológico, antropológico e econômico da festa. O Dossiê lista, nas cinco páginas de referências bibliográficas, um número avultado de publicações, entre as quais dissertações de mestrado e teses de doutorado.

Um segundo critério, de corte mais qualitativo, propõe o potencial dialógico do bem, sua capacidade de enriquecer terceiros, por mais distantes que estejam do interlocutor, não apenas o protagonista direto ou o turista consumisticamente interessado na diferença, mas quem quer que se disponha a mudar alguma coisa em sua concepção de mundo diante de experiências humanas do porte da Festa de Barbalha. Seguramente, ela tem algo a nos dizer a cada um de nós brasileiros.

4. SALVAGUARDAS

Endosso as salvaguardas propostas no parecer de Pedro Clerot (fls. 307 e v.), que podem ser assim resumidas:

- i. O Corte do Pau e as questões de preservação ambiental. As ações de salvaguarda devem ser discutidas entre carregadores, Prefeitura e ICMBio).
- ii. Atuação da polícia durante o cortejo: apoiar os carregadores na sensibilização dos policiais militares que têm agido de forma agressiva por incompreensão de certos aspectos lúdicos ou rituais da Festa.
- iii. Prevenção de acidentes durante o carregamento do Pau: identificar os riscos e propor como evitá-los.
- iv. Desfile de folgedos: estudar a proposta de instauração de câmaras setoriais, de forma a construir coletivamente propostas que atendam à sustentabilidade e continuidade das práticas de grupos mais frágeis, assim como formas participativas de decisão.

De minha parte, sugiro que se adote como diretriz geral, a ser discutida e implementada junto a protagonistas, patrocinadores, administradores da festa, a premissa de que, sem detrimento do compartilhamento com o visitante, é o habitante que deve ser considerado o destinatário prioritário da festa.

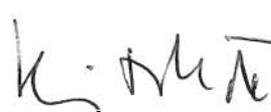


5. VOTO

A Câmara Técnica do Patrimônio Imaterial, em novembro de 2013, ao reconhecer a pertinência do pedido de registro, sugeriu que seu objeto fosse designado como "Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio de Barbalha". O que se demonstrou acima, acredito, confirma o acerto dessa denominação. Em primeiro lugar, porque aí é que se tem a singularidade da festa de Barbalha, que permite distingui-la das demais festas antoninas. Depois, porque a força catalisadora que as ações em torno do Pau da Bandeira exercem não elimina nem desmerece quaisquer das demais manifestações que se desenvolvem no seu entorno – nem prejudica o contraponto que propus com a Procissão de Encerramento.

De todo modo, por todas as razões expostas, voto favoravelmente ao registro, no Livro de Registro das Celebrações, da "Festa do Pau da Bandeira de Santo Antônio da Barbalha" como Patrimônio Cultural do Brasil.

Brasília, 17 de Setembro de 2015


ULPIANO T. BEZERRA DE MENESES

Conselheiro